Nas primeiras páginas do livro, Maquiavel diz recorrer aos antigos pois dos antigos podemos obter respostas para questões modernas, visto que o homem não mudou sua natureza com o passar do tempo.

**Cap 1**

**Quais foram os princípios das cidades em geral e qual foi o de Roma**

I – Todas as cidades são edificadas ou por homens nascidos no lugar, ou por forasteiros. No primeiro caso, visto que cada um por si não poderia resistir ao ímpeto de que fossem atacados, se reúnem para morar juntos num local escolhido por eles ou por alguém dentre eles com mais autoridade.

II – Exemplos: Atenas e Veneza. Veneza em especial obteve êxito, em vista do longo período de paz que o local lhes deu.

III – No segundo caso, é o que ocorre com as colônias mandadas por repúblicas ou por príncipes para aliviarem suas cidades de habitantes, ou para defenderem as terras recém-conquistadas que desejam manter com segurança e sem despesas. Como estas cidades não são livres, raras são as vezes que realizam progressos. Semelhante a essa foi a edificação de Florença.

IV – São livres os edificadores das cidades que por si mesmos, são obrigados a abandonar a terra natal e buscar novos locais. Neste caso, conhecem-se a virtú do edificador e a fortuna do edificado, virtú esta que se conhece na escolha do local e na ordenação das leis.

Talvez fosse melhor escolher lugares estéreis, para que os homens, obrigados a esforçar-se e a ocupar-se menos com o ócio, vivessem mais unidos por terem menos razão para discórdia, em vista da pobreza do local. Porém, como só o poder dá segurança aos homens, é necessário fugir a essa esterilidade. Para obviar aos danos porventura causados pela amenidade da terra por meio do ócio, impuseram [aqueles que são sábios] a necessidade de exercícios aos que tivessem de ser soldados. É o caso dos egípcios que apesar de viverem em terras ameníssimas, foi tal a força dessa necessidade gerada pelas leis, que geraram homens excelentes.

V- Maquiavel diz então que é mais prudentes escolher lugar fértil, desde que os efeitos de tal fertilidade sejam limitados com leis e seus devidos termos. O autor também retoma o caráter livre da edificação de Roma, e que mesmo com tanta grandeza, não foi corrompida, mantendo-se cheia de tanta virtú, com que nenhuma outra cidade ou república jamais se tornou.

VI – Maquiavel diz que decorrerá sobre as coisas que, ocorridas dentro da cidade [de Roma] e por deliberação pública, lhe parecem dignas de atenção.

**Cap 2**

**De quantas espécies são as repúblicas e de que espécie foi a republica romana**

VII – Maquiavel falará sobre as cidades que nasceram distantes de todo tipo de servidão externa, seja como repúblicas, seja como principados. Ele destaca que pode ser considerar-se feliz a república à qual caiba por sorte um homem prudente que lhe dê leis de tal modo ordenadas que seja possível viver com segurança sobre tais leis, sem precisar corrigi-las, como ocorreu em Roma. Também destaca que é fácil que a república se arruíne antes de ser conduzida a uma ordem perfeita. Disto nos dá fé a república de Florença, que se reordenou em 1502 e se desordenou em 1512

VIII – O autor destaca três estados sobre que são ditos por aqueles que fala sobre república: principado, optimates e popular; e aqueles que ordenam uma cidade devem voltar-se para um deles, segundo o que lhes pareça mais apropriado. Também aponta que as três são péssimas e são boas em si mesmas, pois o principado facilmente se torna tirânico, os optimates com facilidade se tornam governo de poucos e o popular sem dificuldade se torna licencioso.

IX – Sobre o ciclo desses três estados: os homens, multiplicando-se, reuniram-se em grupos, e, para poderem defender-se, começaram a respeitar aquele que, dentre eles, fosse mais forte e corajoso. Percebendo que injúrias podiam ser-lhes dirigidas, reuniam-se para fazer leis e ordenar punições a quem as violasse: daí proveio o conhecimento de justiça. Começando a ser odiado, o príncipe, temendo por tal ódio, logo passou do temor ao ataque, e rapidamente nasce a tirania. E daí surgiram conspirações e conjurações contra os príncipes, cometida por aqueles que por generosidade, grandeza de ânimo, riqueza ou nobreza, se sobressaíam aos outros. A multidão seguindo a autoridade desses poderosos, armava-se contra o príncipe. Quando essa administração passava a seus filhos, tendiam à ganância, à ambição e à usurpação das mulheres, fazendo que um governo de optimates se tornasse um governo de poucos, sem respeitar civilidade alguma, e assim, logo surgiu alguém que, com a ajuda da multidão, os matou, voltando-se todos para o estado popular, de tal modo que nele não fosse dada autoridade alguma nem aos poucos poderosos, nem a um só príncipe, logo se chegou à licença, em que não eram temidos nem os homens privados nem os homem públicos. Coagidos pela necessidade ou pela sugestão de algum homem bom, para fugirem a tal licença, voltam ao principado; e deste, gradativamente, se retorna para a licença, do modo e pelas razão já ditas.

X – E esse é o ciclo segundo o qual todas as repúblicas se governaram e governam, mas raras vezes retornam aos mesmos governos, porque quase nenhuma república pode ter tanta vida que consiga passar muitas vezes por tais mutações e continuar de pé.

XI – Assim, sempre que tiveram conhecimento desse defeito, aqueles que prudentemente ordenaram leis evitaram cada um desses modos por si mesmos e escolheram algum que tivesse um pouco de todos

XII – Exemplo de sucesso: Licurgo em Esparta. Exemplo de fracasso: Sólon em Atenas.

XIII – da

**Cap 3**

**Que acontecimentos levaram à criação dos tribunos da plebe em Roma, o que tornou a república mais perfeita**

XIV – Quem estabelece a república, precisa pressupor que todos os homens são maus

XV – Os homens nunca fazem bem algum, a não ser por necessidade; mas, onde são muitas as possibilidades de escolha e se pode usar da licença, tudo logo se enche de confusão e desordem. Por isso, depois de muitas confusões, tumultos e perigos de perturbações surgidos entre a plebe e a nobreza, chegou-se à criação dos tribunos, para segurança da plebe; e [os romanos] a partir de então puderam ser sempre intermediários entre a plebe e o senado, obviando à insolência dos nobres

**Cap 4**

**A desunião entre plebe e senado tornou livre e poderosa a república romana**

XVI – Direi que quem condena os tumultos entre os nobres e a plebe parece censurar as coisas que foram a causa primeira da liberdade de Roma. Em toda república há dois humores diferentes, o do povo, e o dos grandes, e que todas as leis que se fazem em favor da liberdade nascem da desunião deles. E não se pode chamar de não ordenada uma república dessas, onde há tantos exemplos de virtú. Digo que toda cidade deve ter os seus modos para permitir que o povo desafogue sua ambição.

XVII - Se os tumultos foram a razão para a criação dos tribunos, merecem sumos louvores; porque, além de concederem a parte que cabia ao povo na administração, tais tribunos foram construídos para guardar a liberdade romana.

**Cap 5**

**Onde se deposita com mais segurança a guarda da liberdade: no povo ou nos Grandes; e quem tem maior razão para criar tumultos: quem deseja conquistar ou quem deseja manter?**

XVIII – Todos os que com prudência constituíram repúblicas, entre as coisas mais necessárias que ordenaram esteve a constituição de uma guarda da liberdade. E, como em toda república há homens grandes e populares, não se sabe bem em que mãos é melhor depositar tal guarda.

XIX – Mas, se examinássemos os resultados ficaríamos do lado dos nobres, visto que a liberdade de Esparta e Veneza teve vida mais longa que a de Roma.

Vendo primeiro o lado dos romanos, que se deve dar a guarda de uma coisa àqueles que têm menos desejo de usurpá-la. Por outro lado, quem defende a ordenação espartana e veneziana diz que quem põe a guarda nas mãos de poderosos realiza duas boas ações: uma é satisfazer mais à ambição deles que tem mais motivos para contentamento; outra é que negam certo tipo de autoridade aos ânimos da plebe.

XX – E no fim, quem examinar tudo sutilmente chegará a esta conclusão: ou se pensa numa república que queira fazer um império, como Roma, ou numa à qual baste manter-se [como Esparta e Veneza].

XXI – Mas, para voltar a discorrer sobre o tipo de homem mais nocivo numa república – se aquele que deseja conquistar ou aquele que teme perder o que conquistou [...] há muitos que, possuindo muito, podem com mais poder e efeito [moto] provocar mudanças. E também há muitos cujo comportamento incorreto e ambicioso acende no peito de quem nada possui o desejo de possuir, seja para vingar-se dos que possuem, espoliando-os, seja para poderem entrar na posse das riquezas e das honrarias que percebem estar sendo mal empregadas pelos outros.